

FHC teme crise institucional na Argentina

Participaram da entrevista, em Brasília: Célia de Gouvêa Franco, Celso Pinto, Cláudia Safatle, Maria Cristina Fernandes, Ricardo Amaral e Rosângela Bittar

A crise argentina é tema obrigatório nas conversas do presidente Fernando Henrique Cardoso com chefes de Estado de outros países. O presidente brasileiro considera a possibilidade de uma crise institucional no país vizinho, alimentada em parte pelo ex-presidente Carlos Menem. No Palácio do Planalto e no Itamaraty, a avaliação é de que o ex-presidente criou a situação para ser preso e apresentar-se como vítima, para ressurgir como salvador da pátria numa eventual ruptura das instituições. Seria um projeto pessoal, não compartilhado por todas as alas do Partido Justicialista (peronista).

O problema político argentino, na visão de Fernando Henrique, é a paralisação do processo decisório, um choque de forças que impede a tomada de decisões. O sociólogo Fernando Henrique vê também um fenômeno comportamental na Argentina, onde a sociedade não se mobiliza para enfrentar desafios e problemas com a disposição dos brasileiros que racionam energia, por exemplo. FHC menciona o que os argentinos chamam de "desraizamento", para explicar um povo que se sente arrancado de suas raízes européias e confinado a um pedaço do fim do mundo, como uma das causas desta prostração social.

A possibilidade de uma ruptura institucional baseia-se também no retrospecto da União Cívica Radical, o partido do presidente Fernando de la Rúa. Dois outros presidentes da UCR, Arturo Illia e Raul Alfonsín, encerraram seus mandatos antes do previsto. Isso também alimentaria as expectativas do ex-presidente Menem para voltar ao poder.

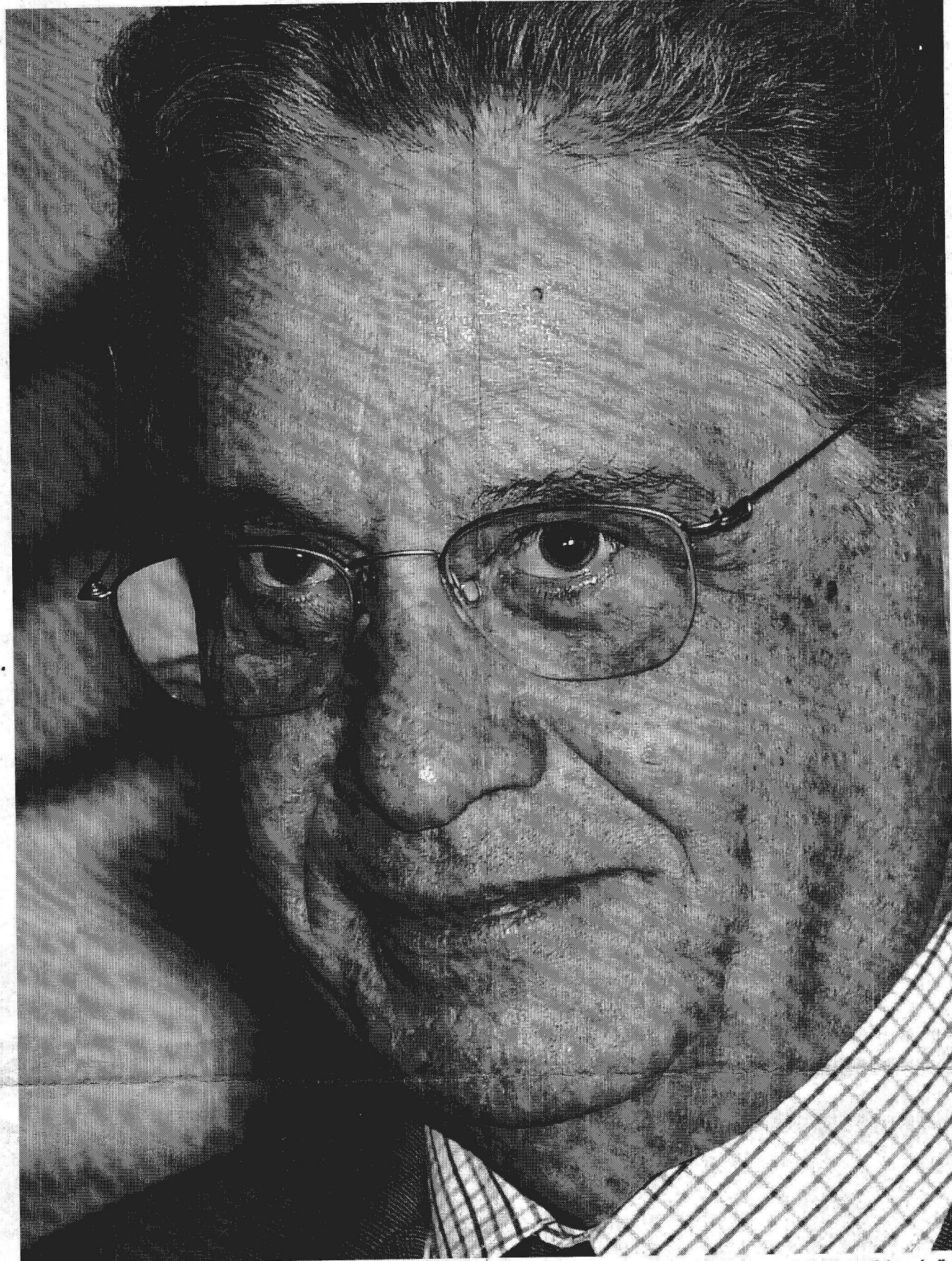
Fernando Henrique acredita que a crise Argentina afetará "um pouco" as exportações brasileiras, mas encara como uma fatalidade o reflexo da crise na classificação de risco do Brasil. "É quase impossível diminuir os efeitos da crise argentina, porque se trata de um risco imaginário, não real", diz o presidente. "O problema são as expectativas, essa colagem que existe no mundo de hoje", diz, referindo-se ao contágio inevitável.

O Brasil não tem um plano de contingência para o caso de a Argentina explodir. Espera, apenas, que os mecanismos tradicionais de socorro ao país em dificuldade sejam acionados, com reflexos positivos para o País. Para Fernando Henrique, se vier o pior, "o mundo se mobiliza para salvar a Argentina".

O presidente alterou a posição brasileira de passividade diante das provocações do ministro Domingo Cavallo. Prova disso foi a suspensão das revisões do acordo automotivo e da tarifa externa comum (TEC) no âmbito do Mercosul. Foi uma reação à resolução 258, de Cavallo, que retira vantagem cambial dos produtos do Mercosul.

A suspensão das negociações e a nota do Itamaraty que a acompanhou foram a face visível da reação brasileira. Por outros canais, Fernando Henrique avisou aos argentinos que suspenderia as importações de petróleo e trigo do país. Para Fernando Henrique, a Argentina só tem a perder com atitudes como essa. Basta ver a balança comercial, recomenda o presidente: são US\$ 600 milhões de superávit no comércio com o Brasil.

Ao receber o Valor no Palácio da Alvorada no início da tarde de quinta-feira, Fernando Henrique não parecia um presidente cercado por crises internas e externas e mergulhado na desaprovada pelas pesquisas. Ele continuava nadando três vezes por semana e fazendo piadas sobre auxiliares, como José Serra, Pedro Malan e Everardo Maciel. Exhibindo verve e bom-humor, brincou até com a pesada agenda de presidente da República, que considera cheia de penduricalhos inúteis. "Ainda bem que o salário compensa", ironizou.



FHC: "Não sei se eles (petistas) chamam e se o PSDB teria condições (de aceitar) porque a discussão entre PSDB e PT não é ideológica, é de poder"

Sucessão

Valor: Qual o risco institucional de a sucessão ocorrer sob um quadro de crise?

FHC: No Brasil, não há risco de instituições nesse momento. Na Argentina pode haver esse risco. Houve no Peru, que não está resolvido, houve na Venezuela e não está resolvido. O Chile, bem ou mal, teve um problema diferente, mas as instituições ficaram fortes.

Valor: A ascensão da esquerda traz riscos à governabilidade?

FHC: As oposições não têm consciência desses processos. Se tivessem, agiriam de uma maneira um pouco mais construtiva. Elas são pegadas pela voragem da história, não estão conduzindo a história, estão sendo instrumentos dessa voragem. As oposições não têm força para destruir as instituições.

Valor: O PSDB participaria de um governo do PT?

FHC: Na eleição de 1989, não conseguimos chegar a um acordo com o Lula em relação ao programa. Ficamos eu e o Euclides Scalco (presidente de Itaipu Binacional) discutindo com o José Dirceu (presidente do PT) e o Plínio de Arruda Sampaio (ex-deputado do PT). Era impossível, eles estavam certos de que estavam tomando o poder pela via revolucionária. Eu dizia: "Não é possível, vocês estão enganados, isso aqui é uma eleição." Minha maior preocupação na época era essa. Eu achava que o Lula podia ganhar, nós seríamos obrigados a estar no governo e temia uma tragédia. Agora acho que é diferente. O PT mudou. Governou cidades. Não amadureceu o suficiente do ponto de vista de entender o mundo de hoje e os desafios reais do Brasil. Tem muita retórica.

Valor: O esboço de programa do PT reflete essa mudança?

FHC: Não. O programa é formal. O PT está querendo ganhar um pedaço da classe média, mas não está propondo efetivamente nada viável. É difícil para o PT, com a trajetória que tem, fazer uma coisa co-

mo foi feita no Chile, até porque no Chile assumiu a coligação entre o partido socialista e a democracia cristã, e só depois de duas eleições, na terceira. Se o PT tivesse se aliado a nós, se tivesse entrado no governo Itamar, se tivesse entrado em acordo com o PSDB lá atrás... Mas o PT sempre sofreu o mal da hegemonia. Sempre achou que ele era o herdeiro da história para mudar o Brasil hegemonicamente. Então, não pôde participar em situações de governo que preparassem o partido efetivamente no nível nacional. Dirigiu cidades e Estados, onde não tem política econômica, moeda, crédito, taxa de juros, responsabilidade com o emprego. Isso é muito diferente. Me dou muito bem com todos os governadores do PT, inclusive o Olívio Dutra. O Dutra faz cara feia, mas cumpre e comigo é muito gentil. Outra coisa é governar o Brasil.

Valor: O sr. acha que poderia ser colocado no mesmo dilema de 89?

FHC: Não sei. A história foi caprichosa nisso. Fez PMDB, PSDB e PT serem partidos que se chocam em toda parte. Como na Europa, onde partidos socialistas e comunistas se odiavam. Aqui ficou um pouco assim, menos no Acre e em Mato Grosso do Sul. Não sei se eles chamam e se o PSDB teria condições políticas, porque a discussão entre PSDB e PT não é ideológica, é de poder, de hegemonia. Não é um partido propondo o socialismo. Não estão propondo nada. Querem ocupar o poder e para isso têm uma retórica, um discurso, que é esse. Se apropriam do nosso discurso porque acham que por aí podem chegar lá. Muito mais que uma questão ideológica, acho que vai ser uma questão de capacitação para o exercício do mando. Não é fácil.

Valor: O sr. teme que a situação econômica possa vir a prejudicar o candidato do governo?

FHC: Primeiro não acho que o candidato seja tão ligado à economia. Obviamente a situação econômica boa facilita, mas o Bush ganhou em momento de

euforia econômica americana e Gore perdeu. Eu ganhei em recessão, desemprego e pré-crise cambial. Acho que tem muitos fatores que entram em jogo. E, no nosso caso, onde os partidos não têm peso como em outros lugares, depende muito do candidato. Qual é a base do Ciro Gomes? Nenhuma. Por outro lado, o Ulysses Guimarães, com toda base que tinha do PMDB, perdeu. Aqui, partido forte não garante um mínimo de votos. O governo garante um piso? Até certo ponto. Não necessariamente um candidato do governo tem um piso ou um teto.

Valor: Que peso o sr. acha que tem a indefinição do candidato na continuidade na crise econômica?

FHC: Nenhum. Por enquanto é só pretexto. Mais tarde pode ter. O que condiciona a eleição não é o passado, é o momento. O importante é, no meio dessa confusão, manter algum parâmetro de racionalidade. Eu não acho ruim quando o PT faz esse programa. É uma maneira de entrar em assuntos não meramente eleitorais. O candidato não é condição suficiente, mas necessária. Como se chega a essa massa? Tem que dar uma eletrificação no ar. Se não der, não ganha. A TV é uma arma perigosíssima, diabólica. Você não tem controle sobre o que te faz e o que não te faz passar. Paulo Maluf elegeu Celso Pitta porque fizeram teste de TV e ele passava alguma coisa. Ele era tudo de negativo para o eleitorado. A vida inteira havia a pressuposição de que Mário Covas era bom de votos e eu era ruim. Covas perdeu muitas eleições, e as que ganhou, foi ali, por pouco.

Crise cambial

Valor: Há risco de crise cambial, como acham Mercadante e Ciro?

FHC: Eles gostariam que houvesse, na verdade, porque são inconscientes. Mas olha, no começo deste ano tudo eram flores. Sabe-se lá como vai ser daqui a seis meses, se teremos tempestade ou flores.

Valor: O sr. tinha um plano de transição compreensível. Mudou?

FHC: Não mudou. O momento é que é adverso, por várias razões, umas até independentes das outras. A energia é independente da crise cambial, mas a agravou. Quem está no governo nessas horas tem que resolver as questões e não fazer prognósticos otimistas ou pessimistas. Tem que enfrentar as questões e é o que fazemos. Na hora da dificuldade eu tento resolvê-la e não acrescento novas.

Valor: Por que o sr. acha que o país foi, voltou e acabou outra vez numa pressão de câmbio?

FHC: Não será isso uma coisa da própria situação de um país em desenvolvimento no mundo de hoje? Não acontece com todos?

Valor: Se isso é inexorável, o espaço de manobra de qualquer governo não seria ínfimo?

FHC: E não é? O milagre é fazer alguma coisa com a vulnerabilidade política interna e com a economia que hoje está externalizada. Essa é a dificuldade na Turquia, na Indonésia, na Índia, no México e na Argentina.

Valor: Há um certo consenso de que 2002 será um ano difícil para os emergentes, com menos investimento direto e menos financiamento. Com uma economia desaquecida e o agravamento da crise argentina, que efeitos deletérios podem haver no Brasil?

FHC: Já estão acontecendo. Mas acho que esses prognósticos são todos inviáveis no mundo de hoje. Há seis meses a discussão sobre a economia americana era "hard" ou "soft landing". Hoje ninguém fala disso. Já "landou". Não faltou quem previsse catástrofe e recessão. Começaram a ler textos antigos para ver como se atua na depressão. Hoje estava vendo dados de aumento de consumo nos EUA. Não deu crash, a Europa não capotou. Já o Japão é o inverso. Mesmo com a taxa de juros em zero, e a expectativa de que agora vai, a economia não deslança.

Valor: O sr. acha que o Brasil vai estar diferente daqui a seis meses?

FHC: Muito diferente. Daqui a três ou seis meses. Sempre foi assim. Os cenários mudam o tempo todo. Minha experiência nesse tempo todo é essa.

Valor: Então a crise é o quê? Pura Argentina?

FHC: Não. É Argentina e balanço de pagamentos.

Crescimento do PIB

Valor: A crise de energia também não está afetando o mercado?

FHC: Pouco. Qual foi o efeito efetivo do racionamento de energia? Eu recebi um telefonema do Cesar Gaviria (ex-presidente da Colômbia), que me disse: "Não fique nervoso. Enfrente por nove meses redução de duas horas na oferta de energia e o PIB cresceu 3,9%."

Valor: Mas esse caso é uma exceção. Em todos os países onde houve crise de energia, o PIB caiu.

FHC: Vai ter uma diminuição do PIB, mas qual vai ser essa diminuição? Quem sabe? Ninguém sabe. Uma das coisas mais ridículas é tentar prever o PIB. Vai ser 2,3%, ou vai ser 3,2%? Isso é inviável. Só vai se saber no ano seguinte, quatro a cinco meses depois do ano acabado, e em geral as previsões estavam erradas.

Valor: O Banco Central faz uma previsão detalhada do PIB...

FHC: Acho uma besteira total do Banco Central prever o PIB de forma tão detalhada, é uma pretensão e é perigosa, porque os outros podem acreditar. É provável que este ano, que se imaginava terminaria com um crescimento de 4% a 4,5%, fique com um aumento do PIB por volta de 3%, mas são tantas as variáveis... E se for assim, não é nenhuma tragédia. Será talvez o maior crescimento da América Latina. Mas não é pelo crescimento do PIB que o povo se baliza. Ele sente no emprego e no salário.

Valor: E o salário está em queda.

FHC: Esse é um dado ruim e não dá tempo de reverter a curva. O que condiciona a eleição não é o passado, é o momento.

FMI

Valor: Uma hipótese sobre a qual há muita especulação é em relação ao acordo com o FMI, que termina em dezembro. Como o sr. vê essa questão?

FHC: Não tenho preconceito contra o FMI. Se for necessário, se faz. Ninguém gosta muito, só vai ao FMI se é preciso. Mas o FMI é uma instituição do sistema capitalista internacional, ajuda e impõe condições. É ruim que haja essas condições, mas se você não cumprir as condições, com Fundo ou sem Fundo, você não sai do buraco. É melhor sair sem o FMI, porque tem menos estigma e porque dá mais margem de manobra orçamentária.

Valor: Mas é preciso ir ao FMI?

FHC: Nem o FMI nem nós achamos necessário, mas se for o caso, não haverá problemas. E o Fundo sabe disso. Se for necessário, está à mão. Ainda mais com o crédito que temos no Fundo hoje. Nossa credibilidade é imensa lá. Mas ninguém viu essa necessidade. Neste ano não temos problema de balanço de pagamentos. O governo não tem problemas de financiamento. A dívida pública é muito pequena, mínima, uns US\$ 55 bilhões líquidos, menos de 10% do PIB. O passivo externo é das empresas. E muitas operações são entre matriz e filial. Muitas já anteciparam seus pagamentos, precavidas. Parte da necessidade de financiamento é automático, é só renovação.

Valor: O BC anunciou que conta com US\$ 6 bi até o fim do ano para aliviar a pressão cambial. E o mercado continua pressionado. O que o sr. acha que está acontecendo?

FHC: Eu não entendo esse negócio de câmbio (risos).

Valor: Parte da pressão do câmbio não é a busca de hedge por causa da sucessão?

FHC: Nada. Se der uma melhora, acaba o hedge na hora. Está usando a sucessão como um pretexto.

Leia a continuação da entrevista com o presidente na página A4